

REPRESENTAÇÃO (EM) CENA: O SUJEITO PROFESSOR NA ATUALIDADE

Hermínia Maria Martins Lima Silveira¹

À luz de algumas leituras no campo da psicanálise em interface com a educação, este trabalho propõe reflexões sobre a profissão docente na atualidade e sobre os efeitos das imagens relativas à essa profissão no processo de formação de professores. Refletir sobre esse assunto requer considerar em que medida o discurso do professor da atualidade e de estudantes em formação docente é atravessado por um discurso social e historicamente construído, tendo em vista as constantes mudanças ocorridas na sociedade contemporânea. Certas questões de fundo orientam a investigação a ser realizada, tais como: a) Quais representações de professor emergem no discurso dos sujeitos-professores alcançados pela pesquisa? b) Como essas representações deixam marcas na constituição da subjetividade do professor? c) Quais representações de ensino-aprendizagem atravessam os dizeres docentes? A justificativa que fundamenta a pesquisa pauta-se na necessidade de contribuir para a reflexão sobre as questões envolvidas nas representações que os professores têm de si, do seu fazer docente e, além disso, do modo como essas imagens incidem no modo de si dizer e de ser professor.

Palavras-chave: Representação; Formação docente; Sujeito

1. Introdução

Primeiramente, gostaria de assinalar que a escolha de registrar no título “(en)cena” se deve a possibilidade de produzir diferentes efeitos de sentido a partir do jogo sonoro desse registro que nos permite pensar no ato de encenar, ou seja, de desempenhar um papel, e, também, de estar em cena, isto é, diz daquilo que está em alta, em destaque. Nesse sentido, pensar a representação do professor na atualidade é também levar em consideração os discursos cristalizados que fazem eco à constituição do imaginário dessa profissão.

¹ Professora do Núcleo e Letras do Centro Pedagógico da UFMG (hemartinlima@yahoo.com.br), doutora em Linguística do Texto e do Discurso pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE/UFMG).

Tendo em vista que o objetivo deste trabalho é colaborar para reflexão e discussão sobre ser professor na atualidade e os efeitos das imagens sobre essa profissão na constituição subjetiva dos professores em formação, considera-se necessária a reflexão sobre as representações que os professores têm de si, do seu fazer docente e como essas imagens incidem no modo de si dizer professor, de ser professor.

Para tanto, parte deste trabalho se pautou nos resultados de uma pesquisa de doutorado² que buscou refletir, dentre várias questões, em que medida o discurso do professor da atualidade é atravessado por um discurso social e historicamente construído que ressalta a desvalorização financeira dessa profissão, a falta de recursos materiais para realização desse ofício, a dificuldade para lidar com as transformações tecnológicas e as questões enfrentadas pelos docentes no relacionamento com os alunos.

A partir de alguns apontamentos suscitados durante a pesquisa de doutorado, surgiu o interesse de trazer à tona tais questões para discussão em um ambiente de atuação de futuros profissionais da educação, alunos de diferentes cursos de licenciatura que participam do programa de Imersão Docente desenvolvido pelo Centro Pedagógico³ da Universidade Federal de Minas Gerais. Esse colégio de aplicação se configura um importante espaço de contribuição para o processo de formação docente, de construção identitária desses profissionais.

Então, outro momento deste trabalho foi a oferta da palavra aos professores em formação nos momentos de orientação, em rodas de conversa, para os quais foram trazidos alguns resultados da pesquisa de doutorado e alguns questionamentos que contribuíssem para pensarmos as representações de ser professor na atualidade. Durante esses momentos, foi possível verificar suas impressões, suas representações em relação à profissão.

² Pesquisa de doutorado intitulada: “Ser professor na contemporaneidade: tensão entre o particular e o coletivo”, inscrita no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da UFMG (POSLIN/FALE/UFMG), cuja área de Concentração é da Linguística do Texto e do Discurso, na linha de Pesquisa da Análise do Discurso. O trabalho foi realizado sob orientação da Profa. Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen e coorientação da Profa. Dra. Maralice de Souza Neves e defendido em fevereiro de 2017.

³ “O foco do projeto desenvolvido no Centro Pedagógico, escola de Ensino Fundamental da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) busca articular as reflexões teóricas e os desafios do cotidiano da Educação Básica enquanto o futuro professor cursa ainda a graduação. Ou seja, nesse sentido, se difere de projetos ou programas que propõem a residência para o recém-formado”. (PROJETO DE

6 Seminário

Educação e Formação Humana: desafios do tempo presente | I Simpósio Educação, Formação e Trabalho

RESIDÊNCIA/IMERSÃO DOCENTE, CENTRO PEDAGÓGICO, 2012)



Seminário

Educação e Formação Humana: desafios do tempo presente | I Simpósio Educação, Formação e Trabalho

Os encontros aconteciam semanalmente para a discussão de diferentes questões, dentre elas, como dito, refletir sobre a profissão docente. O diário de pesquisa apresentou-se como importante instrumento para o registro das conversas.

Interessa-nos propor algumas reflexões para se pensar a profissão docente na atualidade. Para isso, as considerações aqui apresentadas foram organizadas em torno das posições discursivas sobre a docência, sobre o processo de ensino-aprendizagem manifestadas nos dizeres dos professores em formação. A partir desses dizeres, foi possível vislumbrar em que medida as representações presentes nos discursos refletem na constituição subjetiva desses sujeitos.

Avançando nessa discussão, recorreremos à perspectiva psicanalítica freudiana cujo texto “O Mal-Estar na Civilização” (FREUD, 1930/1974), caro a este trabalho, apresenta-se como chave de leitura para refletirmos a relação do sujeito com o trabalho, considerando que a atividade profissional pode se tornar (ou não) fonte de satisfação. Para Freud, o desenvolvimento da civilização impõe restrições à liberdade, isto significa dizer que se por lado há os desejos do sujeito, por outro, há exigências socioculturais que impõem restrições às pulsões humanas em nome de uma ordem coletiva. Assim, cada sujeito (re)cria diferentes formas para lidar com o seu cotidiano, diferentes formas de fazer laços sociais, produzindo modos de se inscrever no mundo.

Freud, na conferência Explicações, aplicações e orientações (1932-1936), recorre metaforicamente à mitologia grega, retorno de Ulisse a Ítaca após passar Cila e Caríbdis, representação de dois grandes perigos para a navegação, um do lado oposto do outro, e que, portanto, ao se afastar de um, o navegador aproxima-se do outro, para discorrer sobre a educação.

Para o pai da psicanálise, educar é um ato que exige escolhas que devem promover o mínimo de dano ao sujeito, uma vez que sempre haverá perdas nesse processo, ou seja, “a educação tem de escolher seu caminho entre o Cila da não-interferência e o Caríbdis da frustração. A menos que o problema seja inteiramente insolúvel, deve-se descobrir um ponto ótimo que possibilite à educação atingir o máximo com o mínimo de dano”. (FREUD, [1932-1936], p. 101)

Sob essa perspectiva, em consonância com Freud, o ato de educar, pensando especificamente a educação no ambiente escolar, se organiza sobre o poder exercido no corpo do outro, trata-se de uma profissão relacional que envolve desejo dos sujeitos. Em seus textos Prefácio à Juventude desorientada de Aichhorn ([1925]1980) e Análise terminável e interminável ([1937] 1980), Freud trata de três ofícios considerados por ele da ordem do impossível: curar, governar e educar.

Importante destacar que a impossibilidade atribuída à docência não diz respeito a não possibilidade de realização, a algo do nível do irrealizável, mas diz da impossibilidade de controlar os efeitos sobre o outro, de garantia de sucesso. Dito de outra forma, estamos falando “daquelas profissões ‘impossíveis’ quanto às quais de antemão se pode estar seguro de chegar a resultados insatisfatórios” (FREUD, [1937], 1980, p.160). A seguir refletiremos sobre o ato de educar.

2. O Ato de Educar

A escola, como tantas outras instituições, é uma criação social que se apresenta capaz de garantir certa ordem coletiva, de capturar os corpos e submetê-los às técnicas de poder em prol de um pacto civilizatório assumido por cada ser humano quando inserido na cultura. Nesse sentido, as atitudes individuais dos sujeitos são adequadas, enquadradas de acordo com a aspiração de um bem comum, desconsiderando, então, a individualidade, a singularidade do sujeito.

Para Enriquez (2001), “somente os três ofícios (educar, psicanalisar, governar) comportam resultados internos, somente eles podem agir sobre o sujeito em totalidade” (ENRIQUEZ, 2001, p. 117). Esse teórico em diálogo com Freud aponta três possíveis motivos que caracterizam o impossível desses ofícios.

Um dos primeiros motivos apresentados é o poder sem mediação, pela via da linguagem, exercido no corpo do outro. Sobre essa questão, esse estudioso ainda destaca que “as situações de poder nu são as que mais favorecem os abusos de poder” (2001, p.119). Um discurso que atravessa os dizeres tanto de professores quanto de professores em

formação que em certa medida ilustra essa possibilidade de abuso de poder é a retenção do aluno como um instrumento capaz de garantir a manutenção da autoridade em sala de aula, uma espécie de punição aos estudantes; “a retenção é uma forma de garantir a nossa autoridade”.

Outro aspecto destacado por Enriquez (2001) diz respeito à impossibilidade de mensurar os resultados do ato de educar. Diferentemente de outras profissões cujos resultados são comensuráveis, a imprecisão do controle dos resultados desse ato promove a sensação de incerteza que subjazem o fazer docente. Isso diz muito da noção de competência que faz eco ao discurso da educação e evidencia a não existência de um modelo ideal a ser seguido que seja capaz de assegurar, inclusive, a competência por parte dos professores.

O terceiro motivo está relacionado à avaliação de desempenho dos profissionais que exercem essas funções, parece-me que não há um instrumento tão eficaz que seja capaz de avaliar o desempenho docente e, portanto, aos discentes é atribuída a responsabilidade pelo seu sucesso ou fracasso no processo de ensino-aprendizagem; “os alunos não querem saber de nada”; “a escola não tem importância para eles”. Esses dizeres corroboram para um movimento de desresponsabilização por parte dos professores no processo de aprendizagem dos seus alunos.

A proposta de reflexão a respeito das representações sobre ser professor na contemporaneidade sugere interrogarmos o lugar ocupado pela Educação escolar na sociedade atual, considerando as implicações do modo de organização da sociedade contemporânea para a prática docente. Em outras palavras, “o que significa educar nos dias de hoje?”. Tal questionamento se fez presente nos encontros e colocou em cena a dinâmica de organização da sociedade atual.

Na sociedade tradicional, organizada por regras mais ou menos fixas e duradouras, por discurso dominante, o sujeito sentia-se mais seguro e amparado por um imaginário coletivo. Na atualidade, o sujeito está em meio a tantas transformações, a uma multiplicidade de discursos cada vez mais fugazes que exigem dele diferentes modos de se colocar no mundo.

A ideia de movimento, de provisório, de “liquidez”, metáfora sugerida por Bauman, (2001, 2004)) caracteriza a nova configuração social na qual as mudanças acontecem antes mesmo de serem consolidadas, isto é, antes mesmo de se solidificarem, de serem capazes de manter a forma. Há, portanto, um conjunto de novos discursos reguladores, mas estes se apresentam em número significativo, de forma nebulosa, e não conseguem coexistir.

Avançando nessa discussão, as informações tornam-se obsoletas na mesma velocidade em que surgem. Silveira (2017) faz uma analogia à imagem de um banquete para discorrer sobre essa relação do sujeito com a produção de informações. Isto é, o sujeito encontra-se diante de um banquete de informações que oferece a quem deseja degustá-lo duas saídas: engolir goela abaixo sem ter tempo para saborear e verificar a qualidade de cada prato, ou decidir saborear cada prato sabendo da impossibilidade de saborear a todos. As duas formas de agir provocam no sujeito um sentimento de privação para gozar dos prazeres outorgados pela dinâmica de produção de saber (SILVEIRA, 2017).

O advento da globalização, a chegada da internet e de novas tecnologias permitiram a produção e circulação em larga escala da informação. Esse bombardeamento de informações parece fazer o sujeito acreditar que nunca sabe o suficiente, que sempre precisa adquirir mais informações e, logo, está sempre aquém desse movimento de produção de saber.

Pensando no professor, esse excesso de discursos pode provocar nesse sujeito um sentimento de falta, incompletude de saber. Esse profissional precisa lidar com essa dinâmica de relacionamento com a informação promovida pelo uso das novas tecnologias. Muitos mostram-se angustiados diante da sensação de perda do lugar de centralizador do saber; “os alunos muitas vezes sabem mais do que a gente”; “eles ensinam a gente a usar o computador”.

Sob essa perspectiva, entende-se o saber do professor é de natureza plural, heterogêneo e temporal, pois ele é fruto da relação estabelecida pelo indivíduo em diferentes instâncias sociais (família, instituição de ensino, cultura, novas tecnologias), em que o professor articula seus conhecimentos profissionais num contexto específico regulados por suas características subjetivas.

2.1 Professor: um mosaico de representações

Na concepção de sujeito pós-moderno, a identidade não se apresenta fixa, cristalizada, acabada, mas construída, negociada e modificada discursivamente ao longo do processo de interação, num movimento histórico, social, marcado pela tensão entre o coletivo e o subjetivo, entre o particular e o universal. Nesse sentido, a identidade de acordo com os pressupostos psicanalíticos é o resultado de um conjunto de imagens, de representações que concedem ao sujeito a falsa sensação de completude, de unidade.

Para os estudos são filiados às Ciências Sociais, a representação é construída levando em consideração apenas a relação do sujeito com o mundo exterior, cultural, diferentemente da psicanálise que considera também a relação do sujeito com o inconsciente.

Goffman (2009), estudioso do assunto, trata a noção de representação à luz da metáfora teatral. Para esse teórico, ao participar de uma situação comunicativa, o sujeito (personagem) desempenha um papel, encena para o seu auditório, em um cenário específico, na tentativa de passar a impressão de realidade encenada como realidade verdadeira. O indivíduo, então, representa em benefício próprio e não do seu público.

A imagem construída pelo sujeito é alimentada pela ideia de que ele tem motivos e qualificações ideais para assumir o papel que está representando, ou seja, ele está autorizado a desempenhar determinado papel social. O sujeito, então, é concebido como aquele que reconhece a sua imagem em relação a um determinado grupo de pertença, isto é, sujeito fundado na consciência, sujeito cognoscente.

Sob a perspectiva da psicanálise, a noção de representação deve ser pensada considerando os três registros — Real, Simbólico e Imaginário. As representações se dão no nível do imaginário, mediadas pela linguagem, nível do simbólico. Então, a representação é um movimento discursivo cujo intuito é apreender a realidade em torno do sujeito, mas essa apreensão nunca é total.

A relação do imaginário com o simbólico não é simétrica, direta, transparente, pois o que se tem não é a representação de alguma coisa pela linguagem, mas o efeito de sentido dessa representação sempre em relação ao outro. Então, há perda do objeto representado e é nesse momento que o sujeito da falta emerge na/pela linguagem com intuito de (re)capturar esse objeto que nunca será encontrado.

Sob o olhar psicanalítico, o sujeito é multifacetado, disperso. Nesse sentido, a maneira como ele se identifica com o outro, com os grupos com os quais se relaciona, num processo de interação discursiva, numa relação de alteridade, produz formas de ser e de estar no mundo, formas de representação de si e do outro. O conjunto de imagens, de representações concede ao sujeito a sensação de completude, de unidade.

Foi possível verificar nos dizeres dos professores em formação a representação do caráter vocacional atribuído à profissão docente. Muitos desses estudantes de licenciatura relatam um certo tom de descontentamento por parte de seus familiares sobre suas escolhas profissionais, tendo em vista o imaginário coletivo de desvalorização social e financeira da docência; “meu pai sempre diz que vou passar fome por ter escolhido essa profissão”, “minha tia, irmã da minha mãe, disse que sou muito inteligente para ser professora”.

Os dizeres revelaram representações de violência vivenciada nas escolas, de perda de autoridade docente, e de desinteresse por parte dos alunos. Verifica-se um certo tom de queixa nos dizeres dos professores em formação que parece fazer eco ao discurso de desprestígio da profissão docente.

3. Conclusão

A reflexão sobre as questões que envolvem a profissão docente aqui proposta leva em conta os modos como são estabelecidos os laços sociais dessa profissão, considerando que os professores estão inseridos numa rede discursiva sobre a Educação que os atravessa e os constitui, tendo em vista a realidade social, simbólica, na qual esses sujeitos encontram-se.

Ressalta-se que não há receita sobre ser professor que dê conta das contingências do dia a dia do fazer docente. Logo, cabe ao professor, cada um a seu modo, criar maneiras de lidar com a docência, tendo em vista o caráter relacional dessa profissão. Assim, reconhecer que não é possível controlar todos os efeitos do ato de educar sobre os sujeitos envolvidos nesse processo contribui para que o professor não se sinta paralisado diante das incertezas, das contingências do seu ato.

Por fim, as representações que o professor tem de si, da sua profissão, atravessam o imaginário desses sujeitos e incidem na constituição da subjetividade do professor, e deixam marcas no seu saber, no seu fazer cotidiano, no seu modo de ser professor.

4. Referências

BAUMAN, Zygmund, *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas* - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humano*. Rio de Janeiro; Jorge Zahar, 2004

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. Tradução: Plínio Dentzien 2001

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. 1998. Trad. Mauro Gama e Cláudia M. Gama

ENRIQUEZ, Eugène. *A arte de governar*. In: ARAÚJO, José Newton Garcia de; SAIUKI, Léa Guimarães; FARIA, Carlos Aurélio Pimenta de (orgs.). *Figura Paterna e Ordem Social – tutela, autoridade e legitimidade nas sociedades contemporâneas*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, PUC Minas, 2001, p. 113-142.

FREUD, Sigmund. *Análise terminável e interminável*. Edição eletrônica standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. XXIII, Rio de Janeiro: Imago, p. 134-163.

FREUD, Sigmund (1927-1931). *O mal-estar na civilização*. Idem, v. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 42-92.

FREUD, Sigmund. Sobre a psicologia do escolar. Vol.13 [1913-1914]. Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud. Edição eletrônica Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, Sigmund. Prefácio à Juventude desorientada, de Aichhorn. [1925]. Vol. XIX. Edição eletrônica standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, p. 161-162.

FREUD, Sigmund. Explicações, aplicações e orientações. In: Novas conferências Introdutórias sobre Psicanálise e outros Trabalhos. Vol. XXII, [1932-1936]. Edição eletrônica Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de S. Freud. Imago, p. 91-105

GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Tradução de Maria Cecília Santos Raposo. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

SILVEIRA, Hermínia Maria Martins Lima Silveira. Ser Professor na Contemporaneidade: tensão entre o particular e o coletivo. 2017. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da UFMG (POSLIN/FALE/UFMG), Belo Horizonte, 2017